

# **DIFERENTES ESCRITOS SOBRE UM MESMO PASSADO: AS (RE)ATUALIZAÇÕES DO CONFLITO MUCKER NA HISTORIOGRAFIA SOBRE IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL (1874-1977)**

DANIEL LUCIANO GEVHER\*

## **RESUMO**

O trabalho analisa as principais produções historiográficas sobre o conflito Mucker, presentes em obras sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul e também obras específicas sobre os Mucker. A partir da seleção das fontes produzidas por autores regionais – ligados de alguma forma à área de imigração alemã – e que apresentam os Mucker sob diferentes perspectivas, pretendemos analisar as representações construídas e difundidas sobre o conflito através dessas obras. Através desse estudo buscamos compreender as transformações sofridas nas análises sobre o conflito, que passou por um processo de ressignificação visível ao longo do período analisado, que compreende o final do século XIX – com os escritos de Schupp – e a década de 1970, com o lançamento da obra de Domingues.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia; História da Imigração Alemã; Conflito Mucker.

## **ABSTRACT**

This study analyzes the main historiographical productions on the Mucker conflict, which can be found in writings about the German immigration movement in the state of Rio Grande do Sul, as well as in specific writings about the Muckers. Based on the selection of sources produced by local writers, who are somehow connected to the German immigration region, it sheds different lights on the Muckers by assessing them under different perspectives. Our goal has been to analyze the representations built and advertised about the conflict through such writings. This study also aims at offering a better understanding of the transformations undertaken by the analysis of this conflict, which has gone through a resignification process that can be observed throughout the period considered, which comprises the end of the 19th century – through the work of Schupp – and the 1970s, through the release of Domingues's work.

---

\* Doutor em História. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. E-mail: [danielgevehr@hotmail.com](mailto:danielgevehr@hotmail.com)

**KEYWORDS:** Historiography; History of German Immigration; Mucker Conflict.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O conflito Mucker marcou de forma visível a trajetória do processo de imigração de alemã no sul do Brasil. A organização de um grupo que passou a viver de forma “diferente” dos padrões estabelecidos para a época deflagrou um dos mais importantes episódios da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul e acabou dando visibilidade aos diversos problemas existentes nas áreas de imigração europeia no Brasil do século XIX.

Os processos que envolveram a escrita da história desse conflito é o objetivo principal desse estudo, que realiza um levantamento das principais obras que apresentam o conflito Mucker. Através das obras produzidas desde o desfecho do conflito, em 1874, quando aparecem as primeiras narrativas sobre os Mucker, até a década de 1970, com o lançamento da obra de Moacir Domingues, as perspectivas de análise sobre os Mucker transformaram-se significativamente. A análise crítica das representações construídas por seus autores sobre o conflito e principalmente sobre seus personagens principais são os propósitos desse estudo, que busca compreender como inicialmente os Mucker foram alvo de críticas severas por parte dos autores e num segundo momento, que se inicia por volta da década de 1950, esses passam a ser relativizados e passam a ser representados de forma menos negativa.

Com esses propósitos em pauta se faz necessário, primeiramente, lembrar de alguns aspectos que marcaram a história dos Mucker. O conflito ocorreu no final do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1868 e 1874, na Antiga Colônia de São Leopoldo, atual município de Sapiranga, Rio Grande do Sul. O conflito envolveu um grupo de colonos, formado por imigrantes e descendentes de imigrantes alemães. O lugar onde ocorreu o conflito ficava nas imediações do morro Ferrabraz, localizado na encosta inferior do Planalto Norte Rio-Grandense, que recebeu no século XIX imigrantes alemães e descendentes que adquiriram seus lotes de terra na localidade.

O conflito inicia quando João Jorge Maurer e sua esposa Jacobina Mentz Maurer são acusados de praticar curandeirismo e proferir cultos em sua casa, onde Jacobina lia e interpretava a Bíblia em alemão para os colonos que chegavam até o local. Estes estariam, supostamente, formando uma seita de caráter messiânico,

liderada por Jacobina e provavelmente cerca de 600 adeptos.

Uma série de acontecimentos aguça, progressivamente, os ânimos de ambos os lados. Além disso, problemas relacionados com as dificuldades econômicas encontradas pelos colonos, a falta de orientação religiosa por parte das Igrejas Católica e Evangélica, as dificuldades em buscar assistência médica, por falta de recursos financeiros e as divergências em delimitar as propriedades aumentam as discussões na área colonial alemã.

Tanto os Mucker quanto os demais colonos da região trocavam acusações de saques, roubos e assassinatos. Os Mucker foram interpretados pela sociedade como desordeiros e fanáticos que, liderados por uma falsa profetiza e por um falso curandeiro, espalharam o terror e a desunião entre as famílias. O movimento resulta na morte do Coronel Genuíno Sampaio, que liderou as tropas imperiais contra os Mucker, em 21 de julho de 1874. Finalmente, em 02 de agosto de 1874, acaba o conflito, com a morte de Jacobina Maurer e mais 16 Mucker que estavam vivendo escondidos nas matas do Morro Ferrabraz.

O termo seita provém do grego *hairesis*, o que significa partido. No Brasil, o termo geralmente esteve associado aos protestantes, demonstrando a visão católica do império brasileiro. De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o termo seita pode significar doutrina ou sistema que diverge da opinião geral e é seguido por muitos. Pode significar também um conjunto de indivíduos que professam uma mesma doutrina ou uma comunidade fechada de cunho radical. Pode ainda significar teoria de um mestre seguida por numerosos prosélitos. Esse termo aparece com frequência nas narrativas construídas sobre os Mucker, tanto na época do conflito como após o conflito, em especial até a primeira metade do século XX. Observamos que o termo seita religiosa era, frequentemente, empregado para detratar o grupo localizado no Ferrabraz. Na historiografia brasileira, o termo seita é comumente empregado para identificar os movimentos de caráter messiânicos, como é o caso do conflito de Canudos e Contestado, enfatizando, assim, seu caráter religioso.

Jacobina Mentz Maurer foi considerada a líder religiosa dos Mucker e, juntamente com seu marido, João Jorge Maurer, conhecido como “o curandeiro”, liderava o grupo de colonos denominados Mucker, constituído, provavelmente, por no máximo 600 participantes. A denominação foi difundida na região, ao que tudo indica, pelo pastor evangélico-luterano Frederico Boeber, que

teria utilizado esse termo para se referir em seus cultos ao grupo organizado no morro Ferrabraz. O conflito acabou de forma violenta em 1874, com a ação das forças imperiais lideradas pelo Coronel Genuíno Sampaio. Os Mucker que sobreviveram acabaram saindo da região após o desfecho do conflito e se instalaram em diferentes localidades do estado.

Vale lembrar que o termo Mucker apresenta diferentes significados, podendo significar santarrão, embusteiro ou fanático religioso. O termo pode ainda ser associado ao zumbido das abelhas, quando estão trabalhando na colméia. Essa última tinha como intenção a identificação dos Mucker como um grupo que, quando reunido em culto, demonstrava todo seu fervor e fanatismo religioso.

O movimento chegou ao final, oficialmente, em 02 de agosto de 1874, quando Jacobina Mentz Maurer e mais dezesseis adeptos foram assassinados nas matas de Ferrabraz. Sobre a morte de seu marido João Jorge Maurer pouco sabemos, uma vez que seu corpo teria sido encontrado, após o final do conflito, enforcado nas matas do Ferrabraz. Porém, como o corpo estaria em estado adiantado de decomposição, o seu reconhecimento foi prejudicado, cabendo apenas a versão apresentada pelo alfaiate, que teria confirmado ser de Maurer a roupa usada pelo cadáver. Concretamente, nada sabemos sobre seu paradeiro após o conflito.

Em linhas gerais, podemos afirmar que existem dúvidas sobre os acontecimentos que envolvem o movimento Mucker. Essas dúvidas referem-se tanto à atuação das pessoas envolvidas quanto aos próprios acontecimentos, sobre os quais não temos comprovações documentais, já que não dispomos de testemunhos orais dos integrantes do movimento Mucker.

Diferentemente de Jacobina, identificada como responsável pelo conflito, Genuíno foi apontado pelas autoridades e consagrado à época dos acontecimentos como o herói do conflito, que deu sua vida para proteger a população da colônia alemã de São Leopoldo contra os Mucker. A representação construída sobre Genuíno e que se consagrou no imaginário<sup>1</sup> foi a do militar que tombou em *nome da*

---

<sup>1</sup> Para Baczo os "imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora seus objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa suas identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das

*civilização contra a barbárie*. Nesse caso, Genuíno representava a *lança da civilização*, enquanto os Mucker representavam o *universo bárbaro*, não civilizado.

Como nos ensina Antonio Celso Ferreira (2004), que por sua vez se valeu dos estudos realizados por Stephan Bann, a caracterização e análise das formas e conteúdos presentes nas representações – que nesse caso são sobre os Mucker – podem ser realizadas a partir da investigação das mais variadas fontes. Entre elas, Ferreira destaca a análise realizada a partir de textos historiográficos, os diversos tipos de discursos (jurídicos, médicos, filosóficos, teológicos), os textos literários e as pinturas, os museus, as narrativas cinematográficas, entre outras.

A análise das representações<sup>2</sup> construídas sobre o cenário e também sobre os personagens centrais do conflito nos faz refletir sobre o contexto em que cada autor se inseria. Da mesma forma, tornou-se evidente, em alguns casos, a preocupação por parte dos autores em legitimar sua versão sobre os fatos narrados, recorrendo a testemunhos orais e assinaturas de seus depoentes.

Isso nos faz pensar naquilo que Michael Pollack (1989, p.04) chamou de *trabalho de constituição e de formalização das memórias*. Segundo ele, para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que ela nos traga apenas o testemunho, mas sim que esta encontre muitos pontos de convergência entre aquilo que queremos afirmar e as memórias de nossos testemunhos. Somente a partir do encontro dessas memórias é que podemos reconstruir as lembranças do passado sobre uma base comum. Em nossa investigação, procuramos compreender como os autores analisados procuraram respaldar seus discursos a partir desses testemunhos, que procuravam dar veracidade às suas narrativas.

As representações sociais construídas sobre o conflito

---

posições sociais; exprime e expõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento.” (BACZKO, s/d. p. 309-310)

<sup>2</sup> Não desconhecemos a diversidade de abordagens sobre as representações sociais, contudo, valemo-nos, especialmente, dos estudos realizados por Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Bronislaw Baczko. Consideramos também extremamente válida a observação feita pela historiadora francesa Denise Jodelet de que “elas [as representações sociais] expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações.” (JODELET, 2001. p. 03)

permitted-nos ainda pensar naquilo que Pollack denominou de *trabalho especializado de enquadramento* (Ibidem, p. 11). De acordo com o autor, a memória é alvo de manipulações e defesa de interesses pessoais e coletivos, estando necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida. Quanto a essa questão, observamos que as representações construídas sobre os Mucker inseriam-se precisamente nesse contexto, no qual a memória foi manipulada de forma que a imagem produzida sobre os Mucker – através dos escritos publicados – foi *enquadrada* segundo os objetivos de cada autor e de acordo com sua época.

Considerando as afirmações de Michael Pollack, podemos ainda analisar as representações sociais ligadas àquilo que Jacy Alves de Seixas descreveu como um conjunto de interesses coletivos, no “qual lembramos menos para conhecer do que para agir.” (SEIXAS, 2004, p. 53) Segundo a autora, a memória está menos ligada ao processo de entendimento do passado, mas sim diretamente identificada com os interesses que fazem as pessoas lembrarem de um determinado fato. Nesse sentido, a memória pode ser manipulada de acordo com os interesses de determinados grupos e de determinadas épocas.

De acordo com Seixas, não existe uma memória desinteressada. Ao contrário, a memória teria um destino prático, realizando a síntese do passado e do presente visando ao futuro, buscando os momentos passados para deles se servir. Dessa forma, “a memória carregaria, assim, um atributo fortemente ético, incidindo sobre as condutas dos indivíduos e dos grupos sociais” (Ibidem, p. 53), procurando com isso induzir as condutas dos indivíduos na sociedade. Sem dúvida, essa teoria defendida pela autora ajuda-nos a entender a dinâmica que envolveu a construção e a difusão das representações sobre os Mucker.

Já para Bourdieu, uma narrativa consegue se difundir no meio social no momento em que ela é aceita como verdadeira, e seu autor é reconhecido pela coletividade. Assim, segundo o autor, uma narrativa produz efeitos no meio em que é produzido, somente se for “socialmente aceitável, quer dizer, ouvida, acreditada e, por conseguinte, eficiente num determinado estado das relações de produção e de circulação.” (BOURDIEU, 1998. p. 64)

Para ele, a produção dos discursos, que por sua vez tem o poder de construção da realidade (2001, p. 9), não ocorre de forma *inocente nem inconsciente*, mas sim como resultado de interesses

de determinados grupos, detentores de um poder simbólico. Segundo ele, esse poder age sobre as estruturas sociais, impondo uma determinada visão dos fatos, transformando-os em *verdades absolutas*. Valendo-nos do pensamento de Bourdieu, podemos entender como a publicação das diferentes obras sobre o Mucker tornou-se possível. Seus autores, dotados de reconhecimento no meio social de atuação, foram *autorizados* a publicar suas versões sobre o Mucker, contribuindo dessa forma para a veiculação de diferentes representações sobre o conflito.

Dessa forma, acreditamos que as representações sociais sobre os Mucker vinculavam-se a esse campo de poder, no qual determinadas ideias podiam ser *ditas* e outras precisam ser *silenciadas*, de acordo com a realidade do momento<sup>3</sup> em que se encontrava o autor das narrativas.

## UM REPERTÓRIO DE NARRATIVAS SOBRE OS MUCKER NA HISTORIOGRAFIA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Percebemos que desde o final do século XIX, quando a obra de Ambrósio Schupp é publicada até os estudos mais recentes, as concepções acerca dos Mucker transformaram-se consideravelmente, não apenas na maneira como os Mucker foram retratados, mas também os novos questionamentos que foram sendo lançados à medida que cada estudo instigava novas perguntas e indicava novas fontes a serem trabalhadas.

A partir desta constatação, pretendemos analisar a forma como foram imaginadas e criadas, em épocas diferentes, representações acerca do episódio Mucker, nos valendo para tanto de obras publicadas e que, conseqüentemente, produziram reações no meio social. Não desconhecemos os estudos mais recentes, realizados por acadêmicos e que resultaram em dissertações de mestrado e teses de doutorado, como de Janaína Amado, Maria Amélia Dickie, João Guilherme Biehl, Marinês Kunz e Daniel Luciano

---

<sup>3</sup> Poderíamos pensar essa relação a partir das questões identitárias, uma vez que os Mucker representavam “o outro”, ou seja, não deveriam ter sua identidade associada às características étnicas consideradas próprias dos alemães. Essas questões identitárias são amplamente discutidas por Giralda Seyferth (2011) que questiona os elementos étnicos associados aos processos de fabricação das identidades e também por Kathryn Woodward (2014) que discute a produção das identidades a partir das suas diferenças. Nesse caso, os Mucker eram esses “diferentes”, que não representavam o *Deutschtum*, ou seja, a germanidade (SEYFERTH, 2011)

Gevehr, que trouxeram novos problemas e novos ângulos de análise para o conflito e seus desdobramentos.

Com isso, priorizamos em nosso estudo as obras que consideramos referenciais no estudo do tema e que foram produzidas por estudiosos – *não acadêmicos* – do tema no âmbito regional do Rio Grande do Sul antes do surgimento dessa nova geração de estudiosos, inseridos no âmbito da história acadêmica, com formação específica e ligados a Programas de Pós-Graduação.

Desta forma, selecionamos aquelas obras que fazem alguma referência ao episódio. Num primeiro momento, trataremos de obras de cunho geral sobre imigração, que ao desenvolver a história da imigração alemã acabam fazendo referência ao episódio do Ferrabraz<sup>4</sup> e, num segundo momento, passamos a analisar obras específicas que tratam da questão Mucker. Pensamos ser de fundamental importância incluir em nossa análise estas obras específicas sobre a história do conflito por dois motivos principais. O primeiro é o fato de que não encontramos uma diversidade considerável de obras sobre imigração que tratem do episódio, e o segundo fato é que estas obras podem ser citadas como suscitadoras de novos estudos que vieram com o intuito de elucidar algumas questões ainda não discutidas por seus autores anteriores.

Portanto, procuraremos entender as diferentes obras analisadas dentro de seu contexto próprio, uma vez que devemos levar em consideração que a forma de interpretação da questão da imigração alemã no Rio Grande do Sul se dá, de acordo com os propósitos de cada autor, seguindo sua própria orientação teórica, suas afinidades com o tema, suas próprias experiências vividas e a própria identificação “étnica”. Enfim, devemos considerar o texto produzido dentro de seu contexto, ou seja, o mundo que cerca o sujeito que constrói seu próprio discurso. Desta forma, pensamos que o fundamental na análise do texto é a própria textualidade, o uso das palavras e a força que se dá a elas no conjunto do texto.

Chamamos a atenção para a questão da relação do sujeito com o seu objeto de análise, uma vez que no momento que este sujeito, autor, pertence ao mesmo grupo étnico do qual está tratando, este, pelo menos nas obras analisadas, deixará, em alguns momentos, explícita a sua relação mais íntima com o tema, recorrendo muitas vezes até ao ufanismo. Isto explica, em parte, o

---

<sup>4</sup> O movimento Mucker ocorreu nas imediações do Morro Ferrabraz. Por este motivo é, constantemente, chamado de episódio do Ferrabraz, em referência ao local onde ocorreu.

fato da maioria das obras sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, editadas no início do século XX, retratar o conflito Mucker de forma depreciativa, numa tentativa – talvez – de identificar os envolvidos no conflito como não tendo correspondência à imagem de “boa índole” projetada para o imigrante alemão.

Conforme já afirmamos na introdução, nossa preocupação está centrada na compreensão das formas como cada autor interpreta e cria uma determinada representação dos Mucker. Assim, realizadas estas considerações, passamos a análise destas obras.

## **AS VISÕES DETRATORAS SOBRE OS MUCKER**

*A colonização alemã no Rio Grande do Sul*, de Leonardo Truda, é, sem dúvida, uma importante fonte de informações a respeito da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Para nós, interessa investigar nesta obra, especificamente, a forma como o autor entende o conflito Mucker e, para tanto, utilizaremos uma passagem da obra:

Um drama sangrento e brutal. A tragédia sombria dos Muckers abalou, entretanto, profundamente o município de São Leopoldo e perturbou a paz de seus habitantes. Esse, porém, não deve ser considerado episódio de luta religiosa, mas como o que realmente foi: obra de fanatismo e de ignorância. Para o desfecho trágico que os acontecimentos tiveram concorreram à incúria e à imprevidência dos governantes. (TRUDA, 1930, p. 84)

A partir do trecho citado, percebemos claramente a ideia que perpassa o pensamento do autor. Ao referir-se ao conflito como resultado do fanatismo e da ignorância, Truda destaca a falta de orientação e esclarecimento dos colonos, especialmente em relação aos assuntos religiosos. É, portanto, neste ambiente que o carpinteiro que se fizera médico (João Jorge Maurer) e a arvorada profetiza (Jacobina Maurer) se aproveitam da suposta inocência e desamparo dos colonos para introduzirem suas ideias e práticas de cura e religião para aqueles que se encontravam no desamparo.

Encontramos, na sua obra, um breve resumo sobre o conflito, no qual se evidenciam as acusações contra os Mucker, que são entendidos pelo autor como os causadores das mortes e atrocidades diversas ocorridas no período de 1872 a 1874. Além disso, faz referência aos acontecimentos ocorridos após o desfecho

do conflito, como os episódios da Terra dos Bastos, no Vale do Taquari e no Pirajá, na colônia de Nova Petrópolis, como cita o próprio autor:

Afinal, em 1897, vinte e três annos após a tragédia do Ferrabraz, mais de cem colonos do Pirajá prepararam uma emboscada e nella abateram três dos mais graduados dos Muckers que ali viviam. A esse massacre, outro se seguiu, na Terra dos Bastos em que foram eliminados cinco Muckers, por um grupo de mais de duzentos colonos que áquella seita attribuiam o assassinato de uma mulher pouco antes verificada. (TRUDA, 1930, p. 86)

Estes acontecimentos, acima citados, demonstram que o conflito Mucker não acabou de fato em 1874, mas teve seus desdobramentos em outras localidades para as quais as famílias Mucker haviam se transferido. Assim, com o medo constante dos novos vizinhos, de que poderiam reorganizar-se em torno da suposta seita, são exterminados pelas mãos dos próprios colonos, que entendiam-se como a própria justiça.

Em *A Imigração Alemã para o Sul do Brasil até o ano de 1859*, publicada em 1931, Schröder faz uma breve referência ao conflito Mucker. Percebemos, na sua breve passagem, que tem o objetivo de incutir no leitor a ideia de que os Mucker foram um grupo de fanáticos liderados por uma mulher que, sem instrução religiosa, ousou exercer o papel de líder religiosa numa comunidade de colonos alemães, que estavam vivendo desamparados pelas igrejas oficiais. O autor tenta traçar um perfil da personagem Jacobina, demonstrando suas características de doente e, inclusive, a suposta denominação de Jacobina como Cristo. Para melhor compreender o pensamento do autor, podemos acompanhar suas palavras:

A mulher de um colono, Jacobine Maurer, originária de uma família Mentz, era pessoa doente, tendo procurado, inicialmente, cura junto ao Dr. Hillebrandt, em São Leopoldo. Lendo obra sobre o sonambulismo teve a convicção de ser vidente. Nessa condição curou doenças. Mais tarde, realizaram-se reuniões religiosas em sua casa, em cujo centro estava a interpretação da Escritura por Jacobine. A profetiza encontrou adeptos e logo declarou ser uma “Christussin” (Crista). Previu o fim do mundo e a perseguição por parte dos adversários. A fim de poderem se proteger frente a ela, anexaram grande construção de pedra à casa dos Maurer. Neste castelo Mucker tiveram vida em comunidade. Foram feitas expedições de vingança contra os inimigos, as casas foram

incendiadas, as pessoas foram fuziladas. Foi então que, com o concurso dos colonos alemães, soldados brasileiros tomaram de assalto o “castelo” após luta encarniçada. (SCHRÖDER, 2003, p. 165-166)

Analisando o trecho citado acima, acreditamos que se torna mais claro compreender a intenção do autor, que, inserido em seu tempo, ou seja, o ano de 1931, acaba por reproduzir o pensamento da sua época. Uma vez que temos que lembrar que a única obra de circulação sobre o tema era o livro do Padre Ambrósio Schupp, estando assim o seu pensamento de acordo com aquele que encontramos na obra de Schupp, sobre a qual falaremos mais tarde.

Os termos utilizados para se referir aos Mucker nos impressionam, por exemplo, a ideia de que os Mucker viveriam em um castelo no Ferrabraz, criando uma imagem para o leitor de que se tratava de uma espécie de fortaleza preparada contra os inimigos. Também encontramos referência a Jacobina, que é denominada aqui de Crista, ou seja, cria-se um rótulo nesta personagem, que tem exatamente o propósito de construir uma imagem negativa e até sobrenatural com o objetivo de denegrir a sua conduta e a sua moral.

Outra obra analisada é *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*, de Aurélio Porto, que dedica-se à análise do conflito Mucker em seu segundo capítulo, denominado “*Política e Religião*”. Ao fazer referência ao conflito Mucker, Porto identifica o mesmo como resultado do isolamento e do desamparo em que viviam os colonos alemães no final do século XIX. Para o autor, o ambiente de desamparo religioso foi o fator preponderante na eclosão do conflito, que, segundo ele, derivou do aparecimento de Jacobina Maurer com suas pregações religiosas e, também, pela prática do curandeirismo realizada por seu marido João Jorge Maurer que, devido ao fato de encontrar nesta função um trabalho mais fácil e menos árduo que as lidas do campo, acabou por se autodenominar médico.

A análise de Porto é baseada na ideia de que os Mucker seriam, na verdade, um grupo de revoltosos que, liderados por uma falsa profetiza e por um curandeiro, espalharam a desunião e a morte pela colônia. Além disso, o autor busca o respaldo das suas afirmações na obra do Padre Ambrósio Schupp, como podemos acompanhar:

Foi nêsse ambiente, propício à formação de seitas religiosas que

teve origem o fanatismo dos Muckers. Existe, sobre o assunto, no Arquivo Nacional, desenvolvida documentação, na qual, salvo um ou outro pormenor de somenos importância, pouco existe que não tenha sido aproveitado pelo P. Ambrósio Schupp em seu trabalho consciencioso e completo. (PORTO, 1996, p. 188)

Conforme podemos ver acima, Porto concorda com as afirmações realizadas por Schupp em sua obra, buscando respaldar a tese de que os Mucker foram os únicos culpados dos acontecimentos que envolvem a história do conflito. A atuação de Jacobina como líder do grupo e principal culpada do conflito é, também, evidenciada na obra, uma vez que se faz referência especial a esta, destacando-se o seu papel de “embusteira religiosa”:

Em torno de Jacobina, já então, santificada aos olhos dos ignorantes colonos, que multiplicavam a fama de que se ia cercando, foi-se organizando uma seita religiosa, com práticas devocionais, algumas de um grotesco irresistível, e outras profundamente imorais. Lia-se a Bíblia, que Jacobina interpretava a seu modo, pontilhando de cousas (sic) estranhas. (PORTO, 1996, p. 189)

De acordo com os trechos mencionados acima, podemos ter uma noção mais clara do posicionamento do autor em relação aos Mucker. A posição assumida pelo autor de retratar a história a partir da obra de Schupp deixa clara a ideia de retratá-la de forma depreciativa, ou seja, para ele os Mucker foram, de fato, um grupo de colonos alemães que, se encontrando no acaso, ou melhor, no abandono espiritual, acabaram por se deixar iludir pelas falsas palavras sagradas de uma falsa profetiza e pelas promessas de curas de seu marido. Desta forma, conclui seu pensamento afirmando que a atuação das forças oficiais foi necessária, uma vez que vieram para trazer de volta a paz e o sossego da colônia, que havia sido abalada por um grupo de revoltosos.

Já em *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul*, publicado primeiramente em 1924, encontramos um rico e detalhado histórico da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Em nosso estudo, interessa entender a forma como esta obra retratou o episódio dos Mucker e, para tanto, nos dedicamos a analisar de forma mais aprofundada esta questão na referida obra. Para tanto, iniciamos nos valendo das palavras do próprio autor:

Pelo termo “Mucker” costuma-se designar uma determinada forma

de fanatismo religioso que se distingue dos outros pelo isolamento e pela separação nítida e, não raro, desanda em violência contra aqueles que pensam de modo diferente. (AMSTAD; PHILIPP, 1999, p. 163)

De acordo com a afirmação acima, notamos que a forma como os Mucker são interpretados é também bastante depreciativa, aspecto já percebido nas demais obras analisadas. Soma-se a isto o intuito dos autores, com fortes vínculos étnicos, de destacar a atuação de alguns personagens do conflito, como é o caso de Johann Georg Klein, o cunhado de Jacobina, que seria o suposto mentor intelectual da “seita” (o termo seita é empregado na obra para referir-se aos Mucker). Segundo a obra, Klein era um sujeito de caráter traiçoeiro, malquisto pela maioria das pessoas da região, motivo pelo qual teve que abandonar a função de pregador protestante. Klein teria participação ativa nas encenações realizadas no Ferrabraz, que tinham por objetivo enganar os colonos que participavam dos cultos fervorosos ministrados por Jacobina.

O caráter belicoso dos Mucker é, também, evidenciado na narrativa, uma vez que, segundo afirmam, os moradores da colônia estavam temendo as atitudes tomadas pelos Mucker e que poderiam vir a acabar com o sossego dos pacatos colonos. Quanto a este aspecto afirmam:

Os moradores das redondezas, preocupados com as ameaças da Jacobina e de seus seguidores, mandaram uma petição ao governo, procurando auxílio e proteção contra a perigosa vizinhança no Ferrabraz. (AMSTAD; PHILIPP, 1999, p. 165)

Ao que tudo indica, a personagem Jacobina Maurer parece ser o foco principal da análise sobre os Mucker na obra. Afirmamos isso em virtude desta ser, segundo os autores, considerada a grande culpada das tragédias que se seguiram ao longo dos anos de conflito. Além disso, encontramos termos bastante hostis sendo empregados para fazer referência à Jacobina, como “*a mulher sedenta de sangue*”, o que nos leva a acreditar na intenção da obra em querer imprimir uma imagem deturpada e negativa da personagem.

Mais uma vez, encontramos referência à “força civilizadora do Estado”, que se contrapõe à imagem dos Mucker. Enquanto as forças oficiais, lideradas pelo Coronel Genuíno Olympio de Sampaio, são representadas como a ordem e o progresso, o contrário refere-se aos Mucker, que são representados como a desordem e o

regresso. Para tanto, recorre-se a diversos acontecimentos que envolveram inimigos dos Mucker, sendo que sempre ocorria algum incêndio ou morte com seus inimigos, eram diretamente considerados de autoria dos Mucker, o que nunca se procurou provar de fato, já que o grupo era em menor número e tinha as autoridades locais contra si.

Sendo a primeira obra que se propõe a analisar especificamente o conflito dos Mucker, *Os Mucker*, do Padre Ambrósio Schupp – que chegou na Colônia Alemã em 1874, mesmo ano do desfecho do conflito – encontra-se como a primeira fonte bibliográfica a ser estudada por quem pretende estudar o movimento Mucker. Devemos, todavia, fazer algumas considerações importantes sobre este estudo que, conforme veremos, é atualmente, alvo de inúmeras críticas.

Estas críticas devem-se ao fato de Schupp ter-se baseado unicamente nos relatos de pessoas envolvidas no conflito, nas autoridades locais da época dos acontecimentos e nos julgamentos realizados posteriormente ao desfecho.

Desta forma, Schupp constrói a sua visão dos fatos. Porém, ao estabelecer a sua própria versão, comete alguns equívocos, como o fato de levar em consideração apenas os depoimentos fornecidos por aqueles que se encontravam na condição de inimigos dos Mucker, não pensando em ouvir também o outro lado, ou seja, aqueles que se viram combatidos, os próprios Mucker. Para termos uma ideia mais precisa disto que afirmamos até aqui, encontramos, no final de sua obra, a assinatura de seus depoentes, que afirmar revelar apenas a verdade dos fatos.

Schupp, ao narrar os acontecimentos, utiliza-se, portanto, das revelações feitas pelos moradores da região e das autoridades, que contaram a sua visão dos fatos que, como temos conhecimento, é, sem dúvida alguma, uma tentativa de identificar os Mucker como reais fanáticos e destruidores dos bons costumes.

Os motivos apresentados pelo autor para explicar o desenvolvimento da seita referem-se, principalmente, à questão religiosa. Estando a população da colônia desamparada espiritualmente, Jacobina Mentz e João Jorge Maurer aproveitam-se desta situação para tirarem seus próprios benefícios, visto que Jacobina era tida como problemática, sendo atormentada por freqüentes crises e devaneios, enquanto Maurer era conhecido como preguiçoso e descontente com o trabalho braçal na roça.

Todos estes aspectos são levantados por Schupp como

motivos para o aparecimento da “seita do Ferrabraz” que, na verdade, representaria o desregramento da vida em comunidade, o afastamento da Igreja, das festas da comunidade, a retirada das crianças da escola, o não aparecimento nas vendas, enfim, o início da formação de um grupo fechado para si, cortando-se relações com os demais, que não pertenciam ao grupo. Nas palavras de Schupp, estas ideias evidenciam-se em alguns comportamentos:

Aquela gente simples da colônia, sem nenhuma, ou quase nenhuma instrução, e, portanto, incapaz de discernir a verdadeira da falsa interpretação, ali se quedava muda, pasmada, embebida, em respeitoso silêncio, suspenso de bôca daquela mulher. Quanto mais extravagantes eram as interpretações de Jacobina, e quanto menos as entendiam, mais alevantado era o conceito que formavam da sua sabedoria, chegando a acreditar que era inspirada por um espírito superior. (SCHUPP, s/d, p. 43)

Em sua narrativa, encontramos vários momentos em que ele próprio coloca-se ao lado dos combatentes da “seita”. Nesse sentido, “nosso delegado” é um termo empregado inúmeras vezes para referir-se à atuação das autoridades em meio ao conflito, o que demonstra a clara posição do autor que, ao longo de sua narrativa, objetiva mostrar ao leitor as perversidades praticadas pelos Mucker, ao mesmo tempo em que constrói a imagem do bom colono, pacífico e vítima das atrocidades cometidas pelos “fanáticos do Ferrabraz”.

A devassidão, a falta de ordem e a destruição dos bons costumes é apresentada por Schupp como consequência da falta de esclarecimento e da atuação de pessoas de mau caráter, como Jacobina e João Jorge. Assim, caracteriza Schupp, a realidade em que se encontravam os Mucker:

Com efeito, as coisas lá no Ferrabrás tinham chegado ao extremo: ali imperava a mais infrene devassidão, e a pena recuava-se a reproduzir aqui o que a população da colônia contava dos Muckers. Para êstes, não havia vínculo algum sagrado, e até as relações entre pais e filhos estavam entregues ao sabor e capricho das paixões. (SCHUPP, s/d, p.155)

Ao enfatizar a realidade vivida pelos sectários Mucker, Schupp destaca o papel desempenhado por Jacobina, entendida como o centro da “seita” e, portanto, como fonte dos excessos

praticados dentro do grupo:

O que é certo é que Jacobina lograra, de um modo cabal, o seu intento: dia a dia, os seus adeptos iam perdendo, cada vez mais, todo sentimento de pudor, prestando-se, com uma submissão cega, incondicional, fanática, à execução de suas ordens. (SCHUPP, s/d, p. 155)

Os adjetivos utilizados para denominar os Mucker são bastante variados, mas todos eles possuem algo em comum, que é o caráter depreciativo, difamatório e hostil. Entre os termos empregados, destacam-se alguns como: *monstros sanguinários, fanáticos, seguidores de falsas crenças, canibais e cruéis como tigres*. Estas referências depreciativas explicariam, em parte, a absorção do fato pelos leitores que, em razão dessas, não poderiam ter uma visão mais lúcida dos acontecimentos, uma vez que fica explícito o propósito, por parte de Schupp, de construir uma imagem negativa dos Mucker.

Desta forma, ao retratar os Mucker como os únicos culpados pelo conflito, Schupp glorifica a atuação do exército e, em especial, a atuação do Coronel Genuíno Olímpio de Sampaio e do Major Dr. Francisco Clementino de Santiago Dantas. Com o extermínio dos Mucker, seus sobreviventes são julgados e, anos mais tarde, os colonos da região acabam por assassinar alguns dos últimos sobreviventes. Neste sentido, Schupp parece consentir com o desfecho do conflito, dando legitimidade àqueles que fizeram justiça com as próprias mãos, ou melhor, acabaram de uma vez por todas com o potencial “perigo” que representavam estes sobreviventes Mucker, que permaneciam inseridos na sociedade das regiões vizinhas. Vale ainda ressaltar que a opinião de Schupp em relação aos Mucker muito se assemelha com a de Karl Von Koseritz, intelectual e político atuante na capital do final do século XIX que se valeu das páginas do *Deutsche Zeitung* para proferir discursos inflamados contra os Mucker, que para ela não eram o exemplo da verdadeira germanidade.

## **OS CONTRAPONTO DAS VISÕES DETRATORAS: UMA (RE)VISÃO DO EPISÓDIO**

Levando em consideração as ideias defendidas por Ambrósio Schupp, analisadas anteriormente, passamos a estudar o

posicionamento de Leopoldo Petry, publicado pela primeira vez em 1957, acerca dos Mucker que, conforme veremos, contrapõe-se, inúmeras vezes, às ideias de Schupp. Conforme Petry, o ambiente vivido pelos colonos alemães na Colônia de São Leopoldo, na segunda metade do século XIX, deve ser entendido como o motivo que levou a formação do grupo do Ferrabraz, crente nas curas realizadas por Maurer e nas palavras santas de Jacobina. De acordo com este autor, houve estes condicionantes:

Esses quatro fatores (religiosidade, falta de instrução, espírito observador de um lado, obstinação em seguir novos rumos, por outro lado, e amor à justiça) se reúnem na evolução do caso dos adeptos de Jacobina Maurer: a religiosidade os impeliu a freqüentar as pregações da pseudo-profetisa, sua pouca instrução fez com que não lhes fôsse possível distinguir entre o que existia de bom ou de mau, na doutrina ministrada; aparecendo as críticas e os deboches dos adversários conservadores... (PETRY, 1966, p. 25)

A formação do grupo do Ferrabraz deu-se, de acordo com Petry, como consequência do desamparo em que viviam estes colonos que, carentes de uma orientação religiosa adequada, encontraram nas palavras acolhedoras de Jacobina um conforto e uma esperança de que dias melhores deviam se seguir. Esta descrição possibilita-nos realizar uma análise mais completa deste ambiente, buscando entender as dificuldades enfrentadas pelos colonos, que, além do desamparo religioso, precisavam lutar pela sobrevivência em meio a um ambiente que se mostra bastante hostil, tendo-se em vista o isolamento vivido pela colônia neste momento em que se desenvolve a seita, não apresentando grandes possibilidades de ascensão social ou mesmo de melhora de condições básicas de vida.

Entre os fatores mais relevantes, levantados por Petry, como causadores do conflito, soma-se o papel desempenhado pelas autoridades policiais, que, do seu ponto de vista, foram os maiores responsáveis pelo acirramento dos ânimos entre os colonos. Estas autoridades atuaram como defensores dos colonos não-Mucker, “fechando os olhos” para as atrocidades cometidas contra os Mucker. Assim, os Mucker, encontrando-se totalmente desamparados e acuados por todos os lados, não tiveram outra solução senão fazer a justiça com suas próprias mãos, defendendo-se dos ataques constantes que sofriam de seus adversários. Estes, segundo Petry, não conseguiram e nem pelo menos tentaram entender sua forma distinta de viver. Ainda segundo este autor, a

arbitrariedade das autoridades locais era evidente, na medida em que os Mucker eram sempre tratados como culpados e seus inimigos como vítimas.

Segundo o autor, muitos dos delitos atribuídos aos Mucker eram, na verdade, de autoria das autoridades policiais locais, que mandavam alguns colonos atear fogo e cometerem assassinatos para, depois, poderem usá-los como provas contra os Mucker. Estas acusações levam-nos a repensar quem seriam os verdadeiros assassinos e incendiários. O autor levanta, inclusive, a possibilidade de não terem sido os Mucker os verdadeiros autores das “barbaridades” cometidas na região. E levanta, ainda, a possibilidade de os Mucker terem sido as vítimas deste conflito, uma vez que foram as autoridades as únicas que nada sofreram.

Uma leitura mais atenta da obra de Petry torna evidente o claro objetivo de “inocentar” os Mucker. Este autor deixa clara sua opinião, recorrendo, inclusive, a acusações pesadas, como destacamos anteriormente. Seu posicionamento pode ser melhor entendido se tomarmos como exemplo sua afirmação de que:

Tôda vez que me ocupo com o estudo da história dos “Mucker”, sinto profunda compaixão por essas pobres vítimas da ignorância e da boa fé, bem como da revoltante injustiça de seus inimigos e não posso deixar de admirar a coragem desses modestos colonos, os quais, no encontro final, não se entregaram, lutando até a última gota de sangue pelas suas convicções. (PETRY, 1966, p. 108)

Desta forma, a obra de Petry tornou-se o primeiro estudo que teve como objetivo claro levantar algumas questões referentes à atuação ineficaz e corrupta das autoridades, bem como mostrar um outro viés desta história. No final de sua obra, são apresentados anexos, contendo importantes informações sobre o conflito. O principal deles refere-se ao depoimento de João Jorge Klein, que enfatiza a atuação de Jacobina e João Jorge Maurer, responsabilizando-os pelos excessos cometidos pela “seita”. Porém, devemos lembrar que Klein é apontado como o mentor intelectual da seita e, portanto, poderia estar tentando defender-se das acusações sofridas, ao responsabilizar sua cunhada e seu concunhado por tais excessos, exaurindo-se de qualquer responsabilidade. Fica-nos tal possibilidade, uma vez que não possuímos novas informações a respeito da atuação de Klein dentro da suposta “seita” dos Mucker.

Passamos a analisar agora a obra de Moacir Domingues,

intitulada *A Nova Face dos Muckers*, publicada no ano de 1977. Esta apresenta ricas informações, conseguidas através de pesquisa documental e também através da relação que faz com as obras de Ambrósio Schupp e Leopoldo Petry.

Ao longo do seu trabalho, Domingues descreve-nos a trajetória dos acontecimentos que envolvem os Mucker, baseando-se, principalmente, nos documentos encontrados em arquivos, entre os quais vários ainda inéditos na época. Cabe-nos, aqui, observar que este estudo baseia-se quase que exclusivamente nos documentos oficiais. Devemos, ainda, recordar o ambiente em que se desenrolou todo o conflito, repleto de animosidades entre ambas as partes e, acima de tudo, regido por um forte sentimento de moralidade, imposto pela Igreja, que exercia seu papel de formadora de opinião pública e que interferia constantemente nas ações policiais. Assim, os documentos oficiais apresentam apenas a visão das autoridades da época e não a voz dos Mucker.

Por outro lado, encontramos, em sua obra, ricas informações sobre os personagens envolvidos na história. E, para tanto, Domingues faz uso da genealogia, buscando, através desta, entender as verdadeiras origens da chamada “seita” dos Mucker que, segundo algumas fontes, estariam na própria família de Jacobina, explicando assim o porquê de tanto “fanatismo religioso”, que acabou por envolver toda sua família e várias outras. Domingues também apresenta em seu estudo os depoimentos de João Jorge Klein, cunhado de Jacobina, figura misteriosa, acusada de ser o mentor da seita. É com base nestes depoimentos que o autor desenvolve grande parte de sua narrativa sobre os acontecimentos.

Domingues destaca o fato de que a situação de Jacobina Mentz e seu marido, João Jorge Maurer, era de completo isolamento no Ferrabraz, o que os teria levado a buscar uma saída para seus problemas de ordem econômica, social, política e religiosa. É a partir deste momento que Jacobina, dizendo-se inspirada por meios divinos, começa sua interpretação bíblica, que, somada às atividades de curandeirismo de seu marido, torna-se alvo de comentários e arbitrariedades das autoridades e mesmo de parte da população, insatisfeita com o que acontecia no Ferrabraz. Um aspecto importante que nos chama a atenção na obra é a afirmação de Domingues quanto à posição da Igreja em relação à seita:

A verdade é simples e não será demais repeti-la: nem Jacobina nem

seu marido, nem seus mais ardorosos companheiros desejavam entrar em luta com pastores, padres, vizinhos. Queriam evitar o confronto: retraíam-se, evitavam o revide às provocações. Embora pareça um paradoxo, o próprio rompimento pode ser interpretado como uma derradeira tentativa neste sentido: desligando-se das igrejas, quem sabe seriam deixados em paz? (DOMINGUES, 1977, p. 136)

Fica evidente a posição de Domingues ao acusar os clérigos das Igrejas, tanto católica como evangélica. Segundo ele, eram os padres e os pastores os principais culpados pelos acontecimentos que levariam ao confronto entre Mucker e anti-Mucker, pois estes exerciam importante papel na colônia e eram, sem dúvida alguma, obedecidos pela maioria da população. Devemos lembrar, ainda, que esta posição adotada pela Igreja em relação aos Mucker, na verdade, é uma resposta à ameaça que este grupo representava para a unidade cristã na região. Caso não fossem combatidos, as duas Igrejas, tanto católica quanto evangélica, teriam seu rebanho de fiéis desunidos e voltados à seita Mucker.

Ao analisar os *"Apontamentos"*, escritos por Miguel Noé, com base nas memórias de seu pai João Daniel Noé e em suas próprias recordações, Domingues afirma que os Mucker foram, em grande parte, vítimas das intrigas e das rivalidades entre os próprios colonos. Estes foram influenciados pela Igreja que, além de pregar contra o "Muckerismo", exigia que fossem tomadas atitudes pelas autoridades, em especial, pela polícia local.

Conforme as palavras de Domingues, na análise dos Apontamentos, percebemos claramente a posição adotada pela Igreja em relação aos Mucker e como esta agia, pregando de forma ofensiva contra seus sectários. Os roubos, os assassinatos, as desavenças entre vizinhos, as separações entre casais, as brigas e a desunião entre pais e filhos, todos estes problemas ocorridos na região, eram percebidos como decorrência da pregação dos Mucker, como relata Domingues. Segundo este, a autoria dos crimes era sempre apontada em direção aos Mucker e, mesmo antes de qualquer investigação policial, já lhes era atribuída a fama de "ardilosos inimigos".

Assim, prosseguiram os acontecimentos até o ano de 1874, quando seria colocado um fim a esta história de desentendimentos cada vez mais intensos e constantes. É exatamente neste momento que Domingues destaca a atuação do Coronel Genuíno Olímpio de

Sampaio que, em conjunto com os soldados do 12º Batalhão de Infantaria, uma ala do 3º Batalhão da mesma arma, uma bateria de artilharia, um corpo de Cavalaria da Guarda Nacional e “um sem-número de paisanos armados”, teve a missão de combater o grupo de “revoltosos” instalados no Ferrabraz e seria esta sua última batalha, devido à sua morte, ocorrida no dia 20 de julho de 1874, provocada por um tiro, que atingira sua perna no combate do dia 19 de julho do mesmo ano. Domingues afirma, ainda, que é necessária muita isenção e muita seriedade na difícil tarefa de analisarmos o movimento. Assim relata:

Descender de um Mucker não é título de glória, mas também não é razão para alguém se envergonhar; outro tanto se aplica àqueles que provêm de seus adversários: uns e outros, em maior ou menor grau, foram vítimas de um fenômeno coletivo avassalador, que lhes obliterou o senso das medidas e da justiça. Decorrido mais de um século, não mais se justifica que as atuais gerações continuem a alimentar ressentimentos ou a ser anatematizadas em consequência de pecados dos avós! (DOMINGUES, 1977, p. 380)

Desta forma, esta obra encontra-se como um marco referencial para os estudiosos da questão Mucker, apresentando um texto rico em informações, indispensáveis para a compreensão do movimento como um todo, antes mesmo de qualquer outra análise mais aprofundada. Assim, a discussão em torno do imaginário acerca dos Mucker, trazida por Domingues, evidencia as contradições e as dificuldades do estudo do movimento, seja de seu ponto de vista religioso, social, econômico ou mesmo político. E chama-nos atenção, mais uma vez, as suas palavras finais, quando trata da visão, do imaginário Mucker na atualidade, afirmando que se faz necessário muito discernimento e seriedade ao analisarmos o significado de Mucker, na atualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Realizada a análise das obras que retrataram o conflito Mucker ao longo de quase um século, podemos fazer algumas considerações importantes. Primeiramente, acreditamos que é visível a presença de diferentes opiniões e interpretações entre os autores analisados, ou seja, de acordo com o tempo em que se situa a obra, temos uma determinada visão dos fatos. Observamos que as obras situadas no final do século XIX e início do século XX

retratam os Mucker ainda de forma bastante negativa, apresentando termos e adjetivos nada gloriosos, na tentativa de *formar e moldar* o pensamento de seus leitores.

É apenas a partir de 1957, com a publicação da obra de Leopoldo Petry, que percebemos uma mudança de pensamento, por se tratar da primeira obra que tem por objetivo lançar um *novo olhar* sobre esta história, levantando novos problemas e buscando elucidar alguns acontecimentos ocorridos no desenrolar do conflito.

Moacir Domingues, já na década de 1970, nos apresenta um estudo detalhado sobre o tema, fruto de um exaustivo levantamento documental, que muito contribuiu para o esclarecimento de diversos aspectos que marcaram o conflito Mucker. Através de uma obra densa em conteúdo e dados inéditos Domingues pode ser considerado o precursor de novas abordagens sobre os Mucker, nas décadas seguintes.

Justifica-se, desta forma, a importância desse estudo, que procurou percorrer os caminhos dos escritos sobre os Mucker nas produções sobre imigração alemã no Rio Grande do Sul e também nas obras referenciais sobre o tema. Tal conflito, conforme já referimos, teve diferentes opiniões e formas de interpretação e, como consequência, repercutiu de forma distinta, dependendo da época. Um dos aspectos interessantes desse estudo é exatamente analisar que papéis desempenharam estas obras na formação e criação de uma determinada imagem dos Mucker na memória coletiva, em especial até meados do século XX, quando existiam ainda apenas os trabalhos que davam uma única interpretação dos fatos – a de que os Mucker eram os únicos culpados dos acontecimentos.

Ao mesmo tempo, devemos pensar quais transformações trouxeram a publicação da obra de Leopoldo Petry e Moacir Domingues na construção desse imaginário, uma vez que a partir de então se tem, pela primeira vez, uma nova versão pública dos fatos. É, portanto, a partir deste momento que se inicia um movimento de reação às afirmações realizadas até então, que representavam os Mucker apenas como os vilões da história, sendo apontados como os únicos culpados. A partir desse momento se inicia uma nova geração de estudiosos sobre esta temática, que permitiram *diferentes escritos sobre um mesmo passado*.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. **Conflito Social no Brasil: a revolta dos “Mucker”**. São Paulo: Símbolo, 1978.
- BIEHL, João Guilherme. **Jammerthal, o Vale da Lamentação: crítica à construção do Messianismo Mucker**. 248f. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Santa Maria, UFSM, 1991.
- BOURDEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e Circunstâncias**. Um Estudo Sobre os Mucker e Seu Tempo. 520f. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, USP, 1996.
- DOMINGUES, Moacir. **A Nova Face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermund, 1977.
- FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989.
- PORTO, Aurélio. **O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
- POUTIGNAT, Philippe; STREITFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- RONNING, Anne Holden. Some Reflections on Myth, History and Memory. As Determinants of Narrative. **Coolabah**, Observatório: Centro de Estudos Australianos, Universidade de Barcelona, Barcelona, Vol.3, p.143-151, 2009.
- SCHUPP, Ambrósio. **Os Muckers**. 3.ed. Porto Alegre: Selbach, s/d.
- SCHWARTZ, Joan M.; COOK, Terry. Archives, Records, and Power: The Making of Modern Memory. **Kluwer Academic Publishers**. Archival Science 2, p. 1-19, 2002.

SCHRÖDER, Ferdinand. **A Imigração Alemã para o Sul do Brasil até o ano de 1859**. 2 ed. Porto Alegre/São Leopoldo: Editora da PUCRS/Editora da UNISINOS, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 26, n. 77. p. 47-62, 2011.

TRUDA, Francisco de Leonardo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1930.

VERBAND DEUTSCHER VEREIN (ed.) **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul**. 1824-1924. Tradução de Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07-72.

Recebido em 18/07/2014

Aprovado em 01/08/2017

